



## Um Conto Americano



**Frio e desumano** *Um muito inspirado cenário dá o clima para a tragédia*

★ ★ ★

### Teatro D. Maria II Teatro

Uma pessoa julga, ao criar um motor que usa água por combustível, resolver os problemas energéticos, ficar rica, famosa e ter toda a gente a agradecer-lhe. É um erro: por ignorar as consequências de realizar uma utopia; por não avaliar a força dos interesses contrários; por esquecer a diferença entre justiça e realidade. Mesmo na América. Mesmo na terra da iniciativa e do progresso, o sonho americano de um inventor pode ser um pesadelo, como o da fábula servida em *Um Conto Americano*.

A terra da oportunidade. O reconhecimento do mérito. Charles Lang (Luis Gaspar) acreditava nisso. Até porque, apesar da Grande Depressão do final dos anos 1920, no meio da década seguinte nascia uma nova esperança, um desejo progressista de iniciativa individual incentivado pela política do Presidente Roosevelt. Natural que o jovem inventor visse com optimismo o seu futuro: senhor de uma herdade em algures, acompanhado pela irmã Rita (Paula Neves), na paz dos anjos, longe da confusão das metrópoles. Enfim, feliz. Para isso precisava de uma patente. Foi quando deu de caras com o capitalismo, daquele sério, que hoje talvez pensasse no assunto, mas que então não queria outra coisa senão petróleo e via um motor a água como uma ameaça

maior do que a vida. E como não tinha escrúpulos fez da vida do empreendedor um inferno, embora talvez não o tenha derrotado.

A peça de David Mamet (n. 1947), escrita inicialmente como uma novela, foi, em 1976, adaptada para rádio e, mais tarde, tornou-se guião cinematográfico, antes de chegar a esta dramaturgia encenada por Maria Emilia Correia. Como é costume no seu trabalho, mesmo no menos interessante e inspirado, o dramaturgo não poupa a hipocrisia das relações sociais e explora com sargeza cruel as contradições entre as várias forças presentes na dinâmica do capitalismo, através de enredos ágeis e diálogos vivos, nos melhores casos afiados como lâminas. Contudo, ou algo se perdeu na tradução, ou a encenadora não deu conta do recado, mas os tais diálogos cortantes surgem aqui como se esculpido por uma faca de barrar manteiga. Não por culpa exclusiva dos actores, embora o elenco pareça um pouco inseguro e Luis Gaspar e Paula Neves necessitem de muito trabalho até chegar ao aceitável. Também não por culpa do muito inspirado cenário de Nuno Gabriel de Mello nem da extraordinária sonoplastia de Anibal Cabrita, materiais cénicos exemplares na criação do ambiente frio e desumano onde a tragédia se transforma em fábula.

*Rui Monteiro*